

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

**O FEMININO NA ESTÉTICA DO CORPO:
UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

KARINA CARVALHO VERAS DE SOUZA

Psicóloga; Especialista em Psicologia da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2003/2004); Mestre em Psicologia Clínica na linha de pesquisa em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP (2005/2007); Professora do Curso de Graduação de Psicologia da Universidade Potiguar – UnP desde 2006, lecionando as disciplinas de Psicopatologia Geral; Psicopatologia da Criança e do Adolescente; Psicologia do adulto. Atualmente coordena a pesquisa nos Trabalhos de Conclusão de Curso na graduação em Psicologia. Psicanalista em formação - Membro da Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano – Fórum Natal.
e-mails: Kaveras@hotmail.com; karinapsi@unp.br

Resumo: As cirurgias estéticas no corpo, com frequência cada vez maior entre as mulheres e ao mesmo tempo enaltecidas significativamente pela mídia e pelo contexto social, têm se configurado, atualmente, como um novo modo de expressão para o corpo feminino. Questionamos, então, que significações são atribuídas a esta imagem de corpo pelas mulheres que se submetem às cirurgias estéticas. Para tanto, objetivamos analisar, do ponto de vista psicanalítico: como acontece a construção da imagem corporal no processo do tornar-se mulher; que problemáticas são reveladas por estas mulheres no tocante às idealizações deste corpo e de que modo está configurado, no imaginário feminino, o culto ao corpo da atualidade. Neste sentido, coletamos, simultaneamente, alguns depoimentos de mulheres que já se submeteram a tais cirurgias e, em seguida, fizemos a análise de alguns fragmentos dessas entrevistas, de modo a encadeá-los nas possibilidades de uma compreensão psicanalítica da problemática ora discutida.

Palavras-chave: corpo, feminino, imagem do corpo, cirurgia plástica.

**THE FEMALE BODY IN AESTHETICS:
A PSYCHOANALYTIC READING**

Abstract: The aesthetics surgeries in the body, with frequency much more higher between the women and at the same time exalted significantly for the propaganda and the social context, has been configured currently as new way of expression to the feminine body. We question then, which significations are imputed to this body image, whose women submit aesthetics surgeries. In such a way, we objectify to analyze, from the psychoanalytic point of view: how the construction of the corporal image happens in the process of becoming woman; which problematical are disclosed by these women referring to the idealizations narcissists of this body and that way are configured in the feminine imaginary the cult to the body of the present time. According to this, we collected, simultaneously, some speech of women whom already have had submitted to



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

such surgeries and after that we made an analysis of speech of these contents, in order to chain in one comprehension psychoanalytic of the problematical now argued.

Keywords: body, feminine, body image, aesthetics surgery

O feminino na estética do corpo se consolidou como tema de pesquisa, na mesma medida da intensidade com que muitas mulheres têm buscado as cirurgias plásticas, atualmente. Sobretudo, porque essa questão tem ocupado um lugar de destaque no contexto do atual ‘culto’ ao corpo e, de modo algum, está restrita àquelas mulheres que de fato se submetem a essas intervenções. As formas do corpo e os recursos estéticos para moldá-lo estão no *discurso* do universo feminino hoje.

Antes, é preciso lembrar que as cirurgias plásticas não são um procedimento recente no campo da medicina estética; mas, nas últimas décadas, passaram por velozes avanços tecnológicos, mudando a ênfase em seus objetivos últimos: se deslocaram da cirurgia *reparadora* à *esculturação* estética do corpo. E a maciça procura feminina por essas inovações estéticas, longe de parecer uma mera adesão aos avanços ultra-modernos da medicina, ressaltam as implicações psíquicas no universo do *ser mulher* relacionadas a esse ponto. Desse modo, o caminho psicanalítico do feminino é a estrela guia dessa escrita; da mesma maneira que o conceito de *Corpo*, nosso segundo alicerce. Assim, as questões das quais nos ocupamos nesse artigo estão no entorno do entrelaçamento entre Corpo e feminino; em algum ponto nodal que articula dois universos tão vastos quanto obscuros.

Começamos considerando que, ao mesmo tempo em que a grande diversidade de intervenções estéticas se apresenta como uma via de acesso para o alcance do corpo feminino ideal; de outro lado, se configura como uma larga porta de entrada para muitas formas de *Sintomas*, para os quais o Corpo parece ocupar, simultaneamente, o lugar de chave e enigma para essas mulheres. Assim, a estética do Corpo aparece como uma *urgência* feminina, que se desdobra simbolicamente no corpo *sugado* pelas lipoaspirações;



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

implantado pelos silicones; *preenchido* por gordura; *cortado* pelos bisturis; *espetados* pelas seringas de botox; *secado* pelas dietas; *apertado* pelos modernos espartilhos; *mutilado*¹ por novas técnicas cirúrgicas; *modelado* pelas máquinas das academias e clínicas de estética; *manipulado* enfim...

Somos remetidos então a questões como as que seguem: Como falar desse modo de lidar com o corpo *natural*? De que falam as formas do corpo para o *ser mulher* da atualidade? Que elementos se fazem presentes nesse modo de investimento feminino no *Real* do Corpo? Enfim, que estética é essa que tanto impõe ao corpo da mulher?

Acrescentemos a isso, o fato de que esses investimentos estéticos no corpo tornam-no ainda mais fragmentado, na medida em que as técnicas estéticas intervêm em partes cada vez mais específicas do corpo. Como se as mulheres não sustentassem mais as formas de seu próprio corpo, sem que as ofereça ao Outro para modificá-las, como se interrogassem incessantemente sua imagem corporal, intervindo na sua mais pura objetividade e na sua mais pontual particularidade.

Nessa tensão que parece marcar o *ser mulher*, destacamos três pontos: a busca incessante de uma imagem marcada pela fantasia de *Corpo ideal*, o investimento no *Real* do corpo e a vivência da insatisfação dessa mesma intervenção.

Mas, o que é o Corpo? Podemos começar destacando o artigo *O Ego e o Id*, em 1923, quando Freud afirma que “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (p. 39). Assim, o *ego corporal* freudiano nos dá a idéia de um *eu* que se faz numa troca de experiências corporais e que, apesar de ter como base primordial as marcas das necessidades vitais do corpo como organismo, gradativamente se afasta delas para registrar suas significações e traçar seus destinos para este que agora se tornou um *Corpo*. Nesse

¹ Atualmente um número cada vez mais significativo de mulheres, em todo o mundo, tem retirado, por intermédio de intervenções cirúrgicas, algumas costelas, com o intuito de diminuir as medidas da cintura.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

ponto, Assoun (1996) bem observa que se referir ao Corpo é afastar-se de seu pretensão estatuto auto-significante; o que significa dizer: um corpo que se explicaria por ele mesmo.

Esse marco inaugural de Freud apresenta um Corpo distinto do corpo biológico ou do orgânico, ao tempo em que o considera como Corpo habitado pela linguagem: *lugar* onde se tece a trama das relações entre o somático e o psíquico, estruturando a linguagem própria do inconsciente, marcado pelas determinantes do Desejo.

O surgimento desse Corpo se dá quando o ego encontra sua primeira estruturação unitária no registro da imagem, que pode, por isso, ser investido como objeto de amor. A imagem do corpo tem, então, um papel de suma importância na constituição psíquica da existência humana e aqui, na construção feminina. Idéia de imagem do corpo que é, acima de tudo, definida por uma construção histórica e inconsciente das vivências corporais mais primitivas do sujeito, como bem nos define Dolto (1984).

Nesse mesmo sentido, a grafia da palavra *Corpo* com letra maiúscula acompanha o pensamento de Assoun (1996), quando considerando o campo semântico do Corpo freudiano, define-o não como um conceito psicanalítico específico, mas esquematizado da seguinte forma:

O Corpo é, de fato, *Körper*, o corpo real, objeto material e visível, estendido no espaço e designável por certa coesão anatômica. Mas é também *Leib*, ou seja, o corpo captado em seu enraizamento, na sua própria substância viva, [...]: não é somente um corpo, mas o Corpo, princípio de vida e individuação. (Assoun, 1996, p. 176).

Com isso, nos autorizamos a dizer que não é meramente pelas imposições dos padrões de beleza atuais que as clínicas de estética estejam cada vez mais oferecendo fórmulas inovadoras para solucionar as *imperfeições* do corpo, nem que a medicina esteja



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

cada vez mais investindo em novas técnicas estéticas. Parece tratar-se, sim, de uma demanda feminina acerca do *ser mulher*, na qual o todo do corpo tem uma dívida eterna com a *adequada* soma de suas partes e as tramas do desejo formam pares que obedecem a uma espécie de gozo, numa via de mão dupla: os corpos manipulados e os manipuladores de corpos, juntos num grande projeto para um Corpo feminino perfeito, sem faltas; em prol de uma *perfeita* feminilidade – desejos femininos constituídos com as sobras de seu processo de castração.

Questão feminina essa, observada por Freud em seus primeiros estudos da histeria, mas que até nossos dias nos ajuda a pensar sobre o ser mulher e seu Corpo, marca de um conflito que não se traduz em palavras, mas em sintomas. O que levou, certamente, o Pai da Psicanálise a nos deixar como herança a idéia de *Continente Negro* para descrever a mulher. Com isso, o corpo feminino aparece na cena pública e no discurso da mulher, atravessado por uma questão que se coloca entre ela e o olhar do Outro, seu espelho. É como se algo muito próprio da feminilidade atravessasse o corpo da mulher, interceptando-lhe as palavras, ou que algo muito primário na constituição do feminino silenciase o seu dizer e, nesse lugar, o *Real* do corpo se tornasse palco para algum aspecto indizível da feminilidade.

Por conseguinte, o corpo torna-se uma espécie de instrumento que promete uma recorrente inserção no universo feminino, ainda que o trajeto que constitui o feminino na psicanálise seja sempre enigmático. Essa questão é clara em Lacan (1972-1973) quando afirma que *A mulher não existe*. Nas suas palavras “O sexo corporal, o sexo da mulher, embora justamente não exista a mulher, a mulher não é toda – o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo.” (p. 15).

Logo, ainda que o trajeto histórico do feminino bem descreva o desnudamento progressivo do corpo contemporâneo e que, de um modo ou de outro, constituiu para a mulher uma medida de exigência para apresentá-lo *bem*, revelando-se em suas



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

preocupações com o corpo e no que se dispõe a fazer em prol disso, a mulher sempre responderá a isso com seu eterno e obscuro *ser mulher*. De forma que os ditames e as exigências sociais, bem como os imperativos silenciosos para os cuidados do corpo, ainda que pareçam constituídos como ameaças externas, são marcados no campo da singularidade e do desejo único; naquilo que define *Uma* mulher diante de sua castração.

É forçoso salientar então, que a condição feminina atual permanece profundamente atrelada às ‘formas’ do corpo. Assim como, que as cirurgias estéticas representam uma espécie de dívida simbólica para com aquelas formas que possam manifestar sua feminilidade. Nesse sentido, é preciso reconhecer, na zona fronteira do desejo de cada mulher, o advento da relação mãe-filha, sobretudo, nos discursos sobre as configurações corporais, inauguradas que são pelo Outro Materno. De forma que, a costura inconsciente feita com o Corpo e a feminilidade, portando a marca do *Desejo Materno*, tem sido feita a partir das intervenções estéticas, dando-lhe contornos de *Real*, produzindo assim novas manifestações dessa feminilidade.

Isso porque, a relação mãe e filha não só edifica a feminilidade da menina, revelando a função que o Corpo tem na sexualização, como ressalta também a figura materna, que conduz essa constituição subjetiva, não apenas em um tempo primitivo deixado para trás, mas, ao contrário, em uma constante atualização inconsciente. Podemos dizer que o contínuo reajuste entre aquilo que falta e que excede no *Real* do corpo, é vivido simbolicamente nos muitos procedimentos estéticos que sempre acrescentam ou retiram algo do corpo. Desse modo, um questionamento feito à imagem do corpo para percorrer, inconscientemente os trâmites da castração simbólica; uma imagem que, ao mostrar algo, expõe, ao mesmo tempo, a própria condição do ser mulher.

O que as mulheres estão fazendo para dar conta de suas feminilidades hoje permanece no modo a convocar esse Corpo, que em suas conformações anatômicas representam, maciçamente, as demandas femininas. Ademais, as condições em que a



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

imagem do corpo tem sido reverenciada (re) vela certo transbordamento da feminilidade. Nesse sentido, a imagem do corpo, que esconde e designa ao mesmo tempo, a condição feminina atual, só nos mostra o quão multifacetada pode ser a feminilidade e o quanto ainda temos que pensar sobre isso. É inegável, portanto, a ênfase com que a mulher se serve do Real do corpo no lugar da sua palavra, historicamente tão impedida.

Sem dúvida, a estética vem representando mais uma, dentre tantas outras tentativas de contornar as vias da feminilidade contemporânea, de modo que o feminino não pára de inscrever sob a condição de enigma. É preciso conviver com ela – *A esfinge*: aquilo que não se pode mesmo explicar. Isso porque, o ser mulher se elucida por aquilo que não é; sendo assim, da ordem do eterno mistério, tal como Serge André (1998) nos lembra magistralmente: “Uma mulher se desdobra, mais do que se unifica, sob o significante ‘mulher’.” (p. 222).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ASSOUN, P.-L. **Metapsicologia freudiana**: uma introdução. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- DOLTO, F. **Imagem inconsciente do corpo**. Tradução de Noemi Moritz Kon e Marise Levy. São Paulo: editora perspectiva, 1984.
- FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX.
- LACAN, J. O Seminário, livro 20: **Mais, ainda (1972-1973)**; texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

Recebido: 19/05/2010

Aceito: 31/05/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br